

#cm
2

TERÇA-FEIRA



Lara Rennó leva canções de seu novo álbum a miniturnê pelo circuito Sesc RJ

PÁGINA 3



Paulinho Moska e banda tocam no Teatro João Caetano a preços populares

PÁGINA 4



Universo de Édouard Louis volta os palcos em 'Eddy - Violência & Metamorfose'

PÁGINA 5



ELLES estão de volta!

Por Affonso Nunes

Quase três décadas após revolucionar a forma como as bandas contam suas próprias histórias, "The Beatles Anthology" prepara seu retorno triunfal. O documentário que em 1995 reuniu Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr para revisitar a trajetória dos Fab Four ganha agora uma edição restaurada e expandida, prometendo revelar aspectos inéditos daquele encontro histórico entre os três sobreviventes.

Continua na página seguinte

Beatles Anthology retorna com episódio inédito, 13 faixas nunca lançadas e bastidores exclusivos de Paul, George e Ringo

A nova versão, que estreia exclusivamente no Disney+ em 26 de novembro, amplia de oito para nove episódios a narrativa original, incorporando um capítulo completamente inédito dedicado aos bastidores da produção entre 1994 e 1995. Essas imagens nunca vistas mostram McCartney, Harrison e Starr trabalhando na concepção do projeto que se tornaria o registro audiovisual definitivo da banda mais influente da história do rock, além de reflexões íntimas sobre sua vida compartilhada com John Lennon.

A nova versão de Beatles Anthology tem estreia marcada para 26 de novembro no Disney+



Conteúdo original ampliado; **beatlemaníacos**

O trabalho de restauração ficou a cargo da equipe de produção da Apple Corps, trabalhando em conjunto com a Wingnut Films e Park Road Post de Peter Jackson, mesmos responsáveis pela aclamada série "Get Back". As novas mixagens sonoras foram assinadas por Giles Martin, filho de George Martin, o lendário "quinto Beatle" que produziu os álbuns clássicos da banda e originalmente curou a coleção musical da Anthology.

A série original, exibida em três noites consecutivas em novembro de 1995 pela ABC-TV nos Estados Unidos e pela ITV no Reino Unido, inovou ao dispensar narradores externos e especialistas, permitindo que John, Paul, George e Ringo contassem candidamente sua própria história, com todas suas complexidades e contradições. Essa abordagem introduziu os Beatles a novas gerações

de espectadores e ouvintes, marcando o início de uma vida criativa e comercial póstuma que continua até hoje.

Paralelamente ao documentário, chega às lojas em 21 de novembro o álbum "Anthology 4", reunindo 36 faixas que incluem 13 demos e gravações de sessão nunca antes lançadas. Entre os destaques estão versões alternativas de clássicos como "In My Life", "Nowhere Man" e "If I Fell", além de um ensaio raro para a histórica transmissão da BBC de "All You Need Is Love", marco da era psicodélica que alcançou audiência mundial em 1967.

O novo álbum também apresenta novas mixagens dos singles associados à Anthology: "Free as a Bird", vencedora do Grammy, e "Real Love", ambas ganhando nova vida através do trabalho de seu produtor original, Jeff Lynne, utilizando vocais

de John Lennon desmixados. Essas faixas aparecem ao lado do mais recente hit número 1 dos Beatles no Reino Unido, "Now And Then", de 2023, também vencedora do Grammy e considerada a última canção dos Beatles. As três músicas foram criadas a partir de demos caseiros rudimentares que John gravou nos anos 1970, posteriormente completadas com partes vocais e instrumentais gravadas por Paul, George e Ringo.

A coleção completa da Anthology, abrangendo todos os álbuns, totaliza 191 faixas que serão lançadas pela Apple Corps Ltd./Capitol/UMe em luxuosas edições de 12 LPs em vinil de 180 gramas e box sets de 8 CDs. Ambas as edições incluem as notas originais dos álbuns Anthology 1, 2 e 3, enquanto o novo Anthology 4 traz anotações escritas por Kevin Howlett e uma introdução compilada a partir

agradecem

de entrevistas de 1996 gravadas com Derek Taylor, amigo próximo e conselheiro dos Beatles.

O material sonoro revela nuances e arranjos alternativos que enriquecem a compreensão do processo criativo dos Beatles. Essas gravações, preservadas nos arquivos da banda, oferecem uma perspectiva sobre como as canções evoluíram desde as primeiras ideias até suas versões definitivas.

A celebração se completa com a edição de 25º aniversário do livro "The Beatles Anthology", prevista para 14 de outubro pela Apple Corps Ltd. e Chronicle Books. Ao longo de suas 368 páginas, John, Paul, George e Ringo compartilham recordações honestas, íntimas e reveladoras da jornada da banda. Suas

memórias são acompanhadas por impressões de seus colaboradores mais próximos, incluindo Neil Aspinall, George Martin, Derek Taylor e outros. O livro best-seller é belamente ilustrado com mais de 1.300 fotos, documentos, obras de arte e outros memorabilia dos arquivos da banda.

Quando foi lançada originalmente, a Anthology representou um fenômeno cultural sem precedentes, combinando documentário televisivo, álbuns e livro numa narrativa multimídia que antecipou tendências contemporâneas. Sua abordagem, privilegiando os depoimentos dos próprios protagonistas, tornou-se referência para projetos similares e estabeleceu um novo padrão para documentários de rock.

Por Affonso Nunes

A cantora, compositora e produtora musical Iara Rennó desembarca no estado do Rio de Janeiro com a turnê “Orí Okàn”, com repertório de seu mais recente álbum, em quatro apresentações nas unidades do Sesc em Copacabana nesta terça-feira (26), Barra Mansa (29/8), Tijuca (2/9) e Petrópolis (5/9). O projeto marca um momento especial na carreira da artista paulistana, que completa mais de duas décadas de pesquisa sobre a cultura de orixás.

“Orí Okàn’ é quando meu Orí (cabeça, a parte do corpo que abriga os orixás) encontra seu coração e meu coração encontra seu destino, sua casa”, reflete Iara sobre o trabalho lançado em 2023 pelo selo Dobra Discos.

O álbum, reforça, representa um mergulho profundo em sua jornada pessoal com o candomblé, narrado quase inteiramente em primeira pessoa, contrastando com seu antecessor “Oríki” (2022), que abordava os poemas de saudação sempre em terceira pessoa. Esta mudança de perspectiva revela sua crescente intimidade com o universo religioso e cultural que há tanto tempo a inspira.

A produção de “Orí Okàn” contou com a direção artística e musical da própria Iara, que reuniu um time de colaboradores de primeira linha. O álbum traz participações de nomes como Karina Buhr, Moreno Veloso e Zé Manoel, além dos coros do trio Negresko Sis, formado por Anelis Assumpção, Céu e Thalma de Freitas. A co-produção musical ficou a cargo de Tiganá Santana, Anelis Assumpção, Maria Beraldo e Sebastian Notini em faixas específicas, enquanto instrumentistas como Gabi Guedes na percussão, o moçambicano Otis Selimane na mbira, Aline Falcão em teclados e clavinets, e Aline Gonçalves no clarinete completaram o time de músicos.

A sonoridade do show, no entanto, é minimalista, tendo

Jornada interior que se fez música

Iara Rennó inicia nesta terça uma miniturnê com shows em quatro unidades do Sesc RJ

Silas H/Divulgação



Iara Rennó dedica-se há duas décadas a um profundo estudo sobre a cultura dos orixás e transforma esse conhecimento nas canções que povoam seus trabalhos mais recentes

como base o violão de Iara e o acompanhamento dos percussionistas Rodrigo Maré e Victória dos Santos, formando um

trio que potencializar a força rítmica de cada canção em narrativas poéticas e subjetivas sobre a relação da artista com a cultura

de orixás, criando um ambiente sonoro que privilegia a contemplação e a introspecção, explorando as fronteiras entre o sagra-

do e o profano.

Iara também incluirá músicas de “Oríki”, trabalho que lhe rendeu uma indicação ao Grammy Latino na categoria Melhor Álbum de Música de Raízes em Língua Portuguesa, além de releituras de clássicos da música negra brasileira, como “Babá Alapalá”, de Gilberto Gil, e sambas de roda tradicionais.

Três dos quatro shows deste giro fluminense terão as participações especiais de Ludom (26/8), Thiago Elniño (29/8) e Marina Íris (2/9).

Nascida na família Espíndola, um clã musical, Iara construiu uma trajetória que abrange poesia, cinema, literatura, teatro, performance, instalações e artes visuais. Sua produção musical atinge mais de 150 canções lançadas, distribuídas entre álbuns próprios e colaborações com artistas como Elza Soares, Ney Matogrosso, Gaby Amarantos, Jaloo, Ava Rocha, Virgínia Rodrigues e Lia de Itamaracá.

Filha de Alzira E e sobrinha de Tetê Espíndola, Iara foi por três anos uma das vocalistas d’As Orquídeas do Brasil, a banda 100% feminina da última fase artística do genial Itamar Assumpção (1949-2003), experiência que lhe preparou para outros voos como trabalhos com Quantic, Anita Tijoux e o Projeto Compass. Sua discografia reúne nove álbuns solo e três em coletivos.

Vale a pena conhecer mais de perto o trabalho dessa artista brasileira e universal.

SERVIÇO

IARA RENNÓ - ORÍ OKÀN

26/8, às 19h: Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)

29/8, às 19h: Sesc Barra Mansa (Av. Tenente José Eduardo, 560 - Vila Nova)

2/9, às 19h: Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539)

5/9, às 20h: Sesc Quitandinha (Av. Joaquim Rolla, 2 - Petrópolis)

Ingressos: R\$ 15, R\$ 7,50 (meia) e R\$ 5 (associado Sesc) e grátis (PCG)

Moska revisita três décadas de canções

Cantor e compositor se apresenta a preços populares no João Caetano

Por Affonso Nunes

Três décadas depois de iniciar sua trajetória solo, Paulinho Moska permanece como uma das vozes mais representativas da cena musical brasileira. Às vésperas de completar 58 anos, o cantor e compositor sobe ao palco do Teatro João Caetano nesta terça-feira (26) para celebrar essa trajetória em show do projeto Fim de Tarde a preços populares.

Moska notabilizou-se ao erigir um edifício musical que mescla lirismo e experimentação. Sob direção musical de Rodrigo

Suricato, vocalista e guitarrista do Barão Vermelho, Moska será acompanhado por uma formação completa com bateria, baixo, guitarra e teclado, garantindo arranjos que dialogam com diferentes fases de sua produção.

O repertório promete equilibrar sucessos consagrados como “Pensando em Você”, “A Idade do Céu” e “Namora Comigo” com material de “Beleza e Medo”, seu mais recente álbum autoral lançado em 2018. “Estar em cima do palco é o que me move. É quando tudo transcende e a música me coloca em estado de êxtase, numa viagem sensorial. E é nesse encon-



Paulinho Moska e banda levam ao palco um repertório que atravessa três décadas de carreira

tro com o público que a vida faz mais sentido”, diz o músico, destacando a importância que atribui às experiências ao vivo.

O versátil Moska revela um gosto especial por trabalhos em colaboração com outros artistas. Lenine, Elba Ramalho, Maria Be-

thânia, Ney Matogrosso e Zélia Duncan são alguns desses nomes. Merece menção o trabalho em conjunto com o argentino Fito Páez no álbum “Loucura Total” (2015), trabalho que recebeu indicação ao Grammy Latino e consolidou sua projeção internacional.

SERVIÇO

PAULINHO MOSKA
Teatro João Caetano
(Praça Tiradentes s/nº,
Centro)
26/8, às 19h30
Ingressos: R\$ 5 e R\$ 2,50
(meia)

CRÍTICA / DISCO / CORAÇÃO NA BOCA

Um duo alucinado

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje trataremos de “Com o Coração na Boca” (Belic Music e Warner Music), álbum de Cida Moreira e Rodrigo Vellozo. Como admirador declarado da Cida, confesso que fiquei curioso quanto ao Rodrigo – eu ainda não o conhecia. Aliás, que enorme surpresa foi para mim ouvi-lo tocar piano e cantar. Senti sua voz vibrar na intensidade da tessitura desvairada de Cida: desentendendo-se, aproximando-se, desdizendo-se, complementando-se, alucinadamente.

“Meu Cavalinho Tá Pesado” (José Celso Martinez Corrêa): os pianos se entreolham e vão em meio a desenhos puxados nos graves. As vozes trazem o ar de rebeldia que a música impõe. O ritmo acelera. A força do duo atíça o ouvinte. Atriz/ator, cantores/pianistas, eles batem o texto com frases intercaladas entre si, cada um com seu poder de acicatar. Em “Com o Coração na Boca” (Rodrigo Vellozo e Rômulo Fróes) as vozes vêm, se entrelaçam e dão vida a seus pianos. “Ainda é Tempo Para Ser Feliz” (Arlindo Cruz, Sombra e Sombrinha): o piano soa delicado. Pela voz de

Cida e de Rodrigo, a letra vem pausada. O espanto brota e chama a atenção para a capacidade que têm de dar um jeito natural a seus cantares. Chega “Desejo de Amar” (Gabu, Marinheiro) e, emocionada, Cida canta os versos que tratam da solidão. Lamento em forma da mais pura verdade – e a música soa na forma da mais fidedigna paixão. “Velocidade da Luz” (Tundy): o piano toca a intro anunciando a eletricidade que virá à luz. Rodrigo canta trazendo na voz os termos que lhes explodem garganta afora. Já em “Clareza” (Rodrigo Vellozo), delicadamente, o piano toca uma nota grave em pedal. Arritmo, a melodia segue à imagem e semelhança dos versos. Como água e vinho, pau e pedra, o duo segue impetuoso. “Do Jeito Que a Vida Quer” (Benito de Paula) abre com um acorde grave e sonoro



Divulgação

do piano que antecede o canto. Mais uma vez arritmo, a melodia vem na voz de Cida. Compassos à frente, Rodrigo assume o canto. Agora juntos, suas interpretações complementam-se num uníssono meio capenga, mas com a nítida certeza que fortalecerá o sucesso de Benito. Por fim, em “Babylon” (Zeca Baleiro) o ritmo vem quente. Cida, mais Moreira do que nunca, vem e arrasa! Meu Deus! E Rodrigo assume o canto. A tampa que está para fechar trans-

forma o caos de “Babylon” num suingue admirável. A musicalidade de Cida e Rodrigo tem o piano ratificando uma visão sem part pris, revisitada na certa seleção do repertório. Com o Coração na Boca se distingue pela teatralidade indelevelmente presente na voz e no piano de Cida Moreira, majorados pela voz e pelo piano de Rodrigo Vellozo.

Ouçã o álbum em <https://acesse.one/VxxRN>.

Ficha técnica

Direção artística e fotos: Muri-lo Alvesso; produção: Cida Moreira e Rodrigo Vellozo; vozes e piano: Cida Moreira e Rodrigo Vellozo; gravação e mixagem: Alexandre Fontanetti (Space Blues); masterização: Felipe Tichauer no Red Traxxx Mastering; arte: Júlio Du.

*Vocalista do MPB4 e escritor

A Companhia Polifônica celebra uma década de trajetória com a nova temporada de “Eddy — Violência & Metamorfose” no Teatro Poeira, em Botafogo, até domingo (31). O espetáculo, que conquistou reconhecimento da crítica especializada, apresenta uma proposta original ao reunir três obras do escritor francês Édouard Louis em uma única montagem: “O Fim de Eddy”, “História da Violência” e “Mudar: Método”. A iniciativa teve o aval entusiasmado do próprio autor.

Fundada por Luiz Felipe Reis e Júlia Lund, a Polifônica encontrou na obra de Louis um material que dialoga diretamente com as transformações da cena artística contemporânea, marcada pela emergência de vozes vindas das periferias e pequenos povoados. O escritor, sociólogo e filósofo francês deixou uma vila operária para estudar na prestigiada École Normale Supérieure, em Paris, transformando sua experiência pessoal em literatura que se tornou fenômeno político e cultural.

O co-diretor Marcelo Grabowsky revela que o processo criativo começou logo após o espetáculo “Amor em Dois Atos”. “Fomos profundamente tocados pela escrita de Édouard Louis. Primeiro com ‘O Fim de Eddy’, depois com ‘História da Violência’, ainda inédito no Brasil na altura. A ideia foi cruzar os dois livros, depois incluímos um terceiro, que abordam tanto a descoberta da sexualidade em um ambiente opressor quanto um episódio traumático vivido por ele em Paris”, explica o diretor.

A montagem reconstitui o episódio central de “História da Violência”, ocorrido em dezembro de 2012, quando Édouard, interpretado por João Côrtes, após um jantar com amigos em Paris, encontra Redá, um jovem de origem argelina vivido por Igor Fortunato. O que começa como um encontro casual evolui para uma noite íntima no apartamento do escritor, mas termina em violência extrema quando Édouard é agredido e quase assassinado pelo rapaz na manhã seguinte.

A narrativa teatral se desenvolve um ano após o incidente, quando Édouard retorna à sua cidade natal e se hospeda na casa da irmã Clara, interpretada por Júlia Lund. É neste ambiente familiar que se inicia um complexo jogo de relatos e memórias, onde os três atores transitam entre múltiplos personagens

Retratos da violência masculina

Cia Polifônica retorna aos palcos cariocas com montagem que adapta três livros de Édouard Louis numa só dramaturgia

que compõem o entorno de Édouard: o agressor, a irmã, o policial, o marido. “Isso amplia a dimensão simbólica da narrativa”, destaca Marcelo, explicando como a escolha estética potencializa o alcance reflexivo da obra.

A escrita de Louis é marcada por um fluxo de consciência que ignora regras formais da gramática, como se as palavras escorressem diretamente da alma. “É uma escrita muito direta, que já parece ter uma voz cênica. Ele conversa com o leitor de forma crua, honesta, como quem compartilha uma ferida ainda aberta”, descreve Marcelo. Essa característica encontrou no teatro um terreno fértil, seguindo a linha da adaptação europeia de “O Fim de Eddy”, dirigida por Jessica Gazon, que já havia transformado o romance em polifonia cênica.

Para Luiz Felipe Reis, cofundador da Polifônica e idealizador do projeto, o interesse pela obra de Édouard surge como desdobramento de uma investigação contínua sobre diferentes modos de violência, sobretudo os que constituem o mundo masculino. “Édouard reflete e escreve sobre violência social, política, econômica, cultural, racial, sexual, de gênero, ou seja, sobre inúmeras formas de produção e de circulação da violência, sobre todo um circuito de violência que rege nossos comportamentos e pensamentos, sociais e individuais”, completa.

O espetáculo mergulha no confronto de versões presente em “História da Violência”, onde Louis e sua irmã nar-



Os atores João Cortes, Igor Fortunato e Júlia assumem múltiplos papéis, ampliando a dimensão simbólica da narrativa de Édouard Louis

ram de maneiras distintas um mesmo evento traumático. Essa estrutura dramática cria um embate de memórias e olhares sobre o trauma, aprofundando o debate sobre verdade, representação e subjetividade. “É um conflito dramático muito rico”, observa Marcelo. “E traduz essa urgência de entender o outro lado, de perceber que a violência nunca é apenas um ato isolado, mas um sistema que se impõe sobre os corpos.”

A montagem questiona as estruturas sociais que viabilizam a produção e reprodução da violência. E reflete sobre machismo, racismo e homofobia, revelando

como essas forças opressivas se entrelaçam. “Tem algo de profundamente transformador nessa transposição. A dor de Édouard vira um ritual de exposição e reinvenção, e nos convida a pensar onde a justiça nunca foi pensada”, destaca Marcelo.

SERVIÇO

EDDY - VIOLÊNCIA & METAMORFOSE

Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104, Botafogo)

Até 31/8, de quinta a sábado (20h) e domingo (19h)

Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

Divulgação

Farpas entre amar e viver

Unifrance

'Com Amor e Fúria',
com Juliette Binoche e
Vincent Lindon, ganhou
o Urso de Prata de
Direção na Berlinale



Divulgação

Prestes a lançar 'Le Cri Des Gardes' no Festival de San Sebastián, a francesa Claire Denis vê seu cult anterior, 'Com Amor e Fúria', ampliar sua base de fãs nas plataformas digitais

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Sobra pouco espaço para informações minuciosas no cinema praticado pela francesa Claire Denis, uma vez que sensações a interessam mais do que fatos. A covid-19, sim, é um fato, e de cunho histórico, que ela ressalta em "Com Amor e Fúria" ("Avec Amour et Acharnement"), pelo qual conquistou o Urso de Prata da Melhor Direção na Berlinale, em 2022. A recente inclusão de seu nome na lista de concorrentes à Concha de Ouro no Festival de San Sebastián de 2025 (que vai de 19 a 27 de setembro, em outubro), com "Le Cri des Gardes", ampliou a visibilidade de sua obra pgressa. A Prime Vídeo da Amazon e a plataforma Filmelier são suas aliadas no resgate de seu legado.

Em "Com Amor e Fúria", que está nesses streamings, há pessoas de máscaras nas ruas. Por onde excursionou, o longa-metragem – visto por 157 mil pagantes em sua França natal – abriu um debate sobre os efeitos sociais do coronavírus, em especial o isolamento, a falta de contato na interação presencial. Não por acaso, o enredo elaborado pela realizadora – respeitada por cults como "Bom Trabalho" (1999) e "Vendredi Soir" (2002) – fala de um triângulo amoroso, envolvendo escolhas e renúncias. A fala é potencializada por dois de seus parceiros mais potentes: Juliette Binoche e Vincent Lindon.

Hoje com 79 anos, Claire estava nos Estados Unidos em março de 2020, quando a pandemia estourou, forçando a diretora a voar para Paris às pressas e se isolar. Passou um tempo só cozinhando, lendo e tentando entender o que se passava no mundo quando resolveu escrever um filme, numa troca com escritora Christine Angot. A trama: a radiologista Sara e o empresário Jean (vividos por Juliette Binoche e Vincent Lindon, ambos

em erupção) estão num ponto de puro e fino idílio em seu casamento quando o ex-marido dela, François, vivido por Grégoire Colin, reaparece, desatando os nós de um querer que parecia muito bem amarrado.

Partindo dessa premissa e de seu prévio interesse por fragmentos do discurso amoroso (já espatifados em seu delicadíssimo "Deixe a Luz Do Sol Entrar"), a realizadora de "Nenette e Boni" (Leopardo de Ouro no Festival de Locarno, em 1996) faz uma ode às cartilhas palavrosas do cinema francês moderno. Ela o faz atendida com a pós-modernidade, inclusive com o trauma de uma doença virótica que nos tira o fôlego. A falta de ar funciona como metáfora ultrarromântica.

Eric Gautier, um dos maiores diretores de fotografia do cinema europeu, foi o escudeiro de Claire numa operação nas imediações do Canal Saint-Martin e nos estúdios da rádio RFI. O foco de Claire era não apenas a triangulação entre Sara, Jean e François, mas o universo de imigrantes africanos numa Paris de contradições sociais diversas, afinal, existe o amor e existe a vida. Os dois se aliam

às vezes. Noutras, hostilizam-se ou se antipatizam. É desse enguiço, do verbo "viver" com o verbo "amar", que ela fala, embalada na belíssima trilha sonora do grupo Tindersicks (incluindo a canção "Both Sides of the Blade") e apoiada numa fotografia atenta aos vetores da natureza em torno do casal central e seu invasor. O produto dessa experiência de Claire é um lirismo avassalador.

Em seu esperado "Le Cri des Gardes", a diretora faz uma adaptação de um romance de Bernard-Marie Koltès: "Combat De Nègre Et De Chiens". O filme se passa nos barracões de uma obra na África Ocidental e é protagonizado por Isaach de Bankolé, Matt Dillon, Mia McKenna-Bruce e Tom Blyth. Num canteiro de operários, Horn, o chefe da obra (vivido por Dillon), e Cal, um jovem engenheiro (Blyth), dividem o alojamento atrás da porta dupla das instalações. Leone, a nova esposa de Horn (Mia), chega para se juntar a eles na noite em que um homem (interpretado por Isaach) aparece junto à cerca. Seu nome é Alboury. Como um espectro na escuridão, ele exige o corpo de seu irmão, que morreu naquele mesmo dia



Em seu esperado 'Le Cri des Gardes', a diretora faz uma adaptação de um romance de Bernard-Marie Koltès

na obra. Ele vai assombrar os dois homens durante toda a noite até que lhe entreguem o cadáver, enquanto Leone observa o desastre crescer diante de seus olhos. É uma promessa de vitórias em San Sebastián, onde foi jurada em 2023 e onde ganhou o Prêmio da Crítica, em 2018, com "High Life".

ENTREVISTA / DIEGO MEDEIROS, ADVOGADO, CONSULTOR E ESCRITOR

'Pernambuco foi o primeiro Estado do Brasil a instituir uma lei do audiovisual'

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Se existisse um Kikito de Melhor Livro no Festival de Gramado, nessa categoria imaginária teria como vencedor, este ano, o obrigatoriedade "A Potência do Cinema Pernambucano", escrito por Diego Medeiros. Ele é advogado e sua especialidade é aportar informações e sensos jurídicos aos projetos de longa-metragem que nascem no Recife e cidades vizinhas de seu estado. Sua pesquisa traz entrevistas, análise (riquíssima) e estatísticas, tudo isso salpicado por um uso audacioso da gramática. Ele fez um lançamento internacional no Festival de Cannes, em meio ao sucesso de "O Agente Secreto", de Kleber Mendonça Filho, que abre o Festival de Brasília no próximo dia 12 e estreia comercialmente no dia 6 de novembro. A conexão do autor com a 53ª maratona gramadense, encerrada no último sábado, foi a opção em lançar a publicação por lá, em meio à passagem de "O Último Azul", do também pernambucano Gabriel Mascaro, que estreia nesta quinta. No papo a seguir, o escritor dimensiona a produção de sua terra.

Seu livro é uma antologia delicada de um cinema que virou a Terra Santa de nosso audiovisual em tela grande, numa aposta da ficção em tramas inventivas, que não refutam diálogos de gênero. Seu lançamento em Gramado coincidiu com a passagem de "O Último Azul". Onde é que a geração de Gabriel Mascaro se ins-taura na genealogia que você diseca?

Diego Medeiros: O cinema brasileiro vive uma de suas melhores fases e Pernambuco é um dos pilares dessa consagração. Gabriel Mascaro se encaixa nessa geração que surgiu após o surgimento de filmes como "Baile Perfumado" (1996, de Paulo Caldas e



Soraya Ursine/Divulgação

Lírio Ferreira) e "Cinema Aspirinas e Urubus" (2005, de Marcelo Gomes). Esses dois filmes, em especial, marcaram significativamente essa retomada do cinema nacional. Tais diretores ainda estão em profícua atividade, porém, existe uma geração que bebeu (e foi formada a partir d)ai, na qual se encaixam Kleber Mendonça Filho e Mascaro. No livro, Gabriel, na sua entrevista, detalha esse contexto e diz que, a partir de "Cinema Aspirinas e Urubus", "foi possível sonhar". Gabriel foi estagiário neste filme e, a partir desse contexto, mergulhou no cinema, fez longas-metragens e chegou a ganhar o Urso de Prata no Festival de Berlim, um prêmio incrível para o Brasil, para ele e para o Cinema Pernambucano. É uma situação de

prestígio mais que merecida, fruto de mais de duas décadas de trabalho.

Que novos horizontes as vozes autorais de Pernambuco galgam com "O Agente Secreto"?

"O Agente Secreto" vem em um momento único para o cinema brasileiro. O Brasil foi o país de honra do Festival de Cinema de Cannes em comemoração aos 200 anos de relações diplomáticas com a França. É um momento histórico para o audiovisual brasileiro, impulsionado pelas conquistas do cinema nacional nos últimos meses, como o Oscar de Melhor Filme Internacional para "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles, a vitória de Mascaro em Berlim e as conquistas

de Kleber em Cannes. "O Agente Secreto", para Pernambuco, só confirma o contexto de maturidade cinematográfica de Kleber, que hoje é apontado como um dos mais incríveis diretores de cinema de Pernambuco, do Brasil e do mundo. O filme tem um potencial enorme de ganhar mais prêmios em festivais e, sem dúvidas, representa o ponto culminante da potência do cinema pernambucano.

Qual foi o primeiro longa pernambucano que o senhor viu em cinema e que perspectivas esse filme abriu-lhe então?

Foi "Baile Perfumado", em uma sessão especial, anos depois de ter sido lançado. Esse filme é chave no contexto de retomada do cinema pernambucano e brasileiro. Realizado em 1997, ele é tido geralmente como marco inicial desse novo e perene ciclo pernambucano. Veio sete décadas depois do breve "ciclo do Recife", dos anos 1920. Na década de 1990, o cinema é retomado em Pernambuco, como produção. A crise geral do cinema brasileiro no final dos anos 1980 e início dos anos 1990 e o fechamento da Embrafilme ameaçaram o processo, mas, com a expansão dos meios de produção audiovisual, a atividade ganhou novo impulso. Eu sempre gostei de cinema e arte, até por meu bisavô ter tido uma sala de exibição no interior do Rio Grande do Norte. Quando eu era estudante da Faculdade de Direito do Recife da UFPE, vários cineastas começaram a me procurar e dizer que precisavam de uma assessoria jurídica especializada. Foi então que foquei e me especializei na área. Fiz mestrado e fundei um escritório pioneiro no setor.

Qual foi a maior descoberta sobre Pernambuco, enquanto território, que o livro lhe permitiu, em suas pesquisas?

Pernambuco foi o primeiro Estado do Brasil a instituir uma lei do audiovisual, que ocorreu na gestão do governador Eduardo Campos, um político com uma visão estratégica de que o cinema iria projetar nosso estado no Brasil e mundo. Essa visão de futuro de fato aprofundou-se, consolidou-se e colocou Pernambuco em uma posição inédita no Brasil. Hoje, nosso cinema tem mais de cem anos de história. Os fatores são históricos, artísticos, culturais, sociais, econômicos e políticos, com destaque para a existência de uma política pública de investimento no audiovisual. Há uma política de Estado para dar suporte às produções e propiciar uma formação de uma cadeia de profissionais altamente especializados no setor.

Por André Seffrin
Especial para o Correio da Manhã

O Brasil de Wilson Piran

A Danielian Galeria inaugurou na última semana duas exposições que seguem até 11 de outubro e são uma lição de coisas sobre o Brasil. “Wilson Piran – Estrelas”, curadoria da dupla Marcus de Lontra Costa e Rafael Fortes Peixoto, e “Vicentes – Monteiro: Entre Recife e Paris (1899–1970)”, curadoria de Paulo Bruscky. Comento, abaixo, a mostra com as obras de Piran e logo, nos próximos dias, a de Vicente.

“Estrelas” não deixa de ser um potencializado desdobramento das etiquetas autoadesivas que Wilson Piran produziu nos anos 1970 com nomes de artistas, críticos e escolas, quando questionava o sistema da arte, trabalho que de certa forma o levou depois à série “Constelação”, em que os nomes de artistas, em madeira recortada e colorida com purpurina, esplendiam constelados nas paredes do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (a obra pertence à coleção Gilberto Chateaubriand).

Agora são retratos realizados com purpurina sobre tela. Numa “explosão de cores”, a lista de artistas/estrelas agora já não se restringe ao sistema da arte plástica, estende-se a áreas como música, teatro, ciência, política etc. Observam os curadores uma figuração que “instaura, de maneira subliminar, uma atitude de manifestação política onde a purpurina assume posição central”.

Embora poucos tenham se dado conta desse detalhe importante, a obra de Piran sempre manteve um forte vínculo político. Entre os retratados do universo das artes visuais, esta sua nova série traz Tarsila, Portinari, Lygia Clark, Di Cavalcanti, Paiva Brasil, Oscar Niemeyer, a carnavalesca Rosa Magalhães e o colecionador Gilberto Chateaubriand. A curadoria separou quatro deles do conjunto prin-

cipal, os únicos realizados em purpurina P&B – Cartola, Lygia Clark, Grande Otelo e Villa-Lobos. Ao todo, são 36 retratos. Até o momento - porque, como a série “Constelação”, espera-se que “Estrelas” se consolide como obra aberta, isto é, em expansão, e é essa a intenção do artista. As escolhas ficaram, por certo, entre figuras canônicas e de maior popularidade.

Indagações

O espectador pode se indagar o porquê deste ou daquele retratado em lugar de outros tantos mercedores de igual destaque, como na escolha de Pelé e não de Garrincha, de Carlos Drummond de Andrade e não de Cecília Meireles, de Tarsila e não de Djanira, de Juscelino Kubitschek e Darcy Ribeiro e não de Getúlio Vargas ou Lula, por exemplo. Mas essas são e serão indagações capciosas, uma vez que todo artista tem suas prerrogativas e premissas.

Assim Piran nos sugere um país diverso alicerçado em figuras que nos moldaram na certeza e incerteza do que somos. É ainda o Brasil de Carmen Miranda e José Celso Martinez Corrêa, de Glauber Rocha e Leila Diniz, de Rita Lee e Mariele Franco, de Santos Dumont e Bibi Ferreira. Um Brasil por vezes frívolo, apelativo – como o de Chacrinha! –, mesmo assim bem nosso. E o grande mapa do Brasil igualmente multicolorido em purpurina, logo à direita de quem entra no espaço da galeria, é o contraponto que transborda: não custa imaginar, na sua miríade cintilante e distribuição de cores, o nosso povo inteiro ali representado e convidado a brilhar junto, como no carnaval, ao lado de suas estrelas.

Fotos: Divulgação



Machado de Assis



Rita Lee



Cartola



Darcy Ribeiro

Através de retratos realizados com purpurina sobre tela, artista seleciona grandes brasileiros em exposição na Danielian Galeria

SERVIÇO

WILSON PIRAN - ESTRELAS
Danielian Galeria (Rua Major Rubens Vaz, 414, Gávea)
Até 11/10, de segunda a sexta (11h às 19h) e sábados (11h às 17h)
Grátis